

**VII CONGRESSO**

**PIETRO UBALDI**

**Rio de Janeiro,**

**Agosto/Setembro de 2002**

**TEMA: A Evolução Através da História**

**por: Ferdinando Ruzzante Netto**

## 1. Preâmbulo

Prezados Irmãos. Queridas Irmãs.

Em uma de suas conferências, disse o irmão Jorge Damas Martins, que o amor de Ubaldi pelos homens, levou-o a buscar o homem por todos os ramos do conhecimento humano, a fim de entendê-lo. Procurou também conhecer o pensamento de todos os grandes espíritos que vieram à Terra auxiliar a evolução dos homens. Buscou contactá-los, como fez com Albert Einstein e Ernesto Bozzano, enviando-lhes suas obras, a fim de ouvir suas opiniões. E, todos lhe deram respostas favoráveis, quando não, grandes encômios. Estudou Teilhard de Chardin, em vista da sua hipótese evolucionista, como a dele, para ver os pontos em comum, escrevendo para isso, um belo capítulo no seu livro “A Descida dos Ideais”, denunciando sua concordância com seus estudos.

Na verdade, seu amor pelos homens levou-o a estudá-los como nenhum outro filósofo o fez. Além de estudá-los individualmente, no seu contínuo vir-a-ser, estudou-os na forma coletiva, dentro das grandes unidades de que faz parte. Verificou nas grandes linhas de desenvolvimento da História, que havia ciclos repetitivos de manifestação da sua evolução, como que obedecendo a um programa já estabelecido, apesar da sua liberdade de decisão em escolher este caminho ou aquele outro.

Foi assim que, em 1953, logo após ter vindo em definitivo para o Brasil, Pietro Ubaldi escreveu “**Profecias**” – **O Futuro do Mundo**, procurando estudar a trajetória do homem na História, dentro da lógica dos princípios do sistema que vinha desenvolvendo. Ora, a História tem, como sabemos, sua própria inteligência. Ela tem suas leis, seus grandes ciclos, seus períodos dominantes, que tendem a repetir-se ainda que em planos diversos.

É por isso, que se costuma dizer que a História passa sempre pelos mesmos pontos, voltando aos mesmos pontos críticos. Enfim, a História pode parecer sempre a mesma, ainda que não idêntica em seus motivos.

O atual momento histórico de guerras, revoluções, violências desmedidas, terrorismo, entre povos e nações, espelha a involução ainda reinante na grande maioria. Vemos a História valendo-se do poder econômico e político de alguns, para resgate de injustiças e de dores originadas no passado. É a lei de causa e efeito se cumprindo também entre as coletividades, mas é também o duro trabalho de varrer o terreno, para que, desimpedido, possam sobre ele surgir novas construções. Assim foi com os bárbaros germânicos, contra Roma, para que liquidada a civilização pagã, surgisse a civilização cristã. Na revolução francesa este trabalho ingrato foi confiado aos involuídos, aos mais ferozes e violentos. E assim por diante.

Acima de tudo isso, há os grandes planos, segundo os quais a inteligência da História utilizará todos estes acontecimentos para atingir outros objetivos, como unificação de nações em grandes unidades coletivas, a destruição do velho para implantar o novo, a afirmação no mundo do princípio da justiça social, a liquidação de todas as guerras e dos governos agressivos e violentos, quando eles já tiverem cumprido a sua função destrutiva, hoje ainda útil.

## 2. O Pensamento da História

Dizer que a História tem Pensamento significa dizer que os homens apenas escrevem a História que já está na Mente Divina. Em verdade, o funcionamento orgânico do Universo corresponde a um processo lógico, que é a Lei, a qual exprime o pensamento de Deus. A História, pois, não só obedece a uma inteligência dirigente, como exprime o desenrolar-se de um processo lógico.

Dentro desse contexto, é preciso convir que há uma outra história, que podemos dizer, ser a verdadeira e que atende aos requisitos biológicos do homem. Esta História, a verdadeira, como não podia deixar de ser, constitui o Pensamento que a dirige e que não é outro senão o próprio Pensamento de Deus, nosso Pai.

Ubaldo costumava dizer, e, isto se lê continuamente em sua Obra, que a Vida é sábia e utilitária em seus objetivos. Em todos os fenômenos sociais, existe uma razão interna, um pensamento, que extrai sempre o melhor e a utilidade máxima dentro da necessidade mais urgente, mesmo matando e/ou destruindo. A sabedoria da Vida, pelo seu utilitarismo, está exatamente na preservação dos valores conquistados de cada espécie, de cada agrupamento, de modo a servir de origem para uma nova onda histórica que a Vida faz surgir, em decorrência da evolução.

Acima da luta pela vida, existem os grandes ideais que devem ser alcançados e que não são os proclamados pelos homens, que escondem em seus atos, os seus interesses egoísticos.

Assim por exemplo, a Revolução Francesa em 1789, como a Americana em 1779, a Mexicana em 1911, a Russa em 1917, e muitas outras, se forem estudadas em suas razões pelas quais foram deflagradas, verificamos o absurdo e a incoerência de se destruir uma forma de governo que representava o absolutismo, a ditadura, ou uma determinada aristocracia, para se implantar praticamente outra quase igual.

O fenômeno a ser observado nesses povos, e em todos os povos que passaram, passam e ainda vão passar por acontecimentos análogos, é quanto ao sentido de maturidade alcançada pelas suas instituições, que, após darem o seu fruto, tem que dar lugar a uma nova forma de vida, pois, encontravam-se esgotadas as energias que a própria vida lhe destinava.

Surge o novo ser, filho do velho que morre, que tem de continuar a obra e esta se repete nas mãos do filho, que não tem outros modelos de vida, senão a do tipo biológico do pai. É verdade que as obras não serão idênticas, e sim com algumas alterações que a tornam mais evoluídas. É por isso que a História se repete, mas não é mais a mesma.

A História verdadeira age sempre com um rígido processo lógico, numa espécie de proposições encadeadas, conceituadas, mas sempre na forma concreta dos fatos, já que os fatos são as palavras e as proposições da linguagem da História.

### **3. A Vontade da História**

Indiscutivelmente, a História tem também uma Vontade própria e essa Vontade é a evolução do seu principal personagem: o homem. Castiga-o em seus pontos fracos, seu calcanhar de Aquiles, para fortalecê-lo. A vida não quer os fracos e por isso submete-os ao seu assalto, tanto o indivíduo, como os povos.

Se a revolução francesa tivesse achado pela frente um Luiz XIV, não o teria derrubado. Assim também, se a revolução russa tivesse achado pela frente um Pedro, o Grande, ou uma Catarina da Rússia, não teria vencido. Mas, ao contrário, acharam-se, automaticamente, em posição de superioridade diante do fraco Luiz XVI e do manso Tzar Nicolau. Em verdade, a Vida ajuda todos os homens e movimentos que tem uma função biológica e deixa sem defesa os que não a tem.

Aceitar a Vontade da História é aceitar a vontade de Deus.

Cumpra-nos compreender que tudo tem uma função, inclusive o assalto patogênico nos equilíbrios biológicos. Na vida de cada um, por exemplo, qualquer pessoa pode verificar que algumas coisas querem acontecer e outras não, como se houvesse nelas uma vontade que resiste à nossa e é independente dela. Deveriam os chefes compreender essas vontades, quando elas aparecem e se põem em ação, e procurar saber antes de tudo, se a Vontade da História está com eles. No caso contrário, retirar-se espontânea-mente, sem opor resistências inúteis, que só podem levar a derramamento de sangue.

Este foi o caso do Golpe Militar de que resultou a proclamação da República do Brasil em 1889, fruto do movimento abolicionista, da propaganda republicana desde 1870, com o fim da guerra do Paraguai e inquietações no setor militar.

Quando percebeu que havia uma revolução no ar, o nosso querido imperador D. Pedro II, renunciou ao trono do Brasil, e daí ter se retirado com a família, para o exílio. Quantas dores e

danos poderiam ser evitados, como foi neste caso, se a conduta humana fosse guiada com mais inteligência!

### 3. A Técnica das Revoluções

A história da humanidade é feita de revoluções e parece ter sido esta a forma através da qual a Vida se valeu para impulsionar o gênero humano a evoluir. Parece um paradoxo, porém, na verdade, as revoluções e as guerras constituem o verdadeiro motor da História, o aspecto dinâmico desta, ou seja, os seus períodos de marcha, enquanto que, os períodos de paz, de ordem constituída e de legalidade, representam as fases de assimilação e repouso.

Porém, nada, nem ninguém, pode parar e descansar indefinidamente sobre os louros da vitória alcançada, mas somente o tempo necessário para refazimento das energias e assimilação. De onde provém esta perene instabilidade, esse esforço de renovação continua? A resposta foi dada por Ubaldi em **Deus e Universo**, onde é explicado que o homem é um ser decaído e essa é a razão dessa instabilidade, sendo o esforço de renovação a sua resposta para a necessidade de evoluir. A ignorância humana é fruto da queda, donde a necessidade de reconquistar a sabedoria perdida, tornando a subir, no erro e na dor, a caminho da perfeição.

Portanto, não há que se temer as destruições, porque elas são necessárias para desimpedir o terreno e aí de novo semear, para progredir. Na revolução francesa, por exemplo, a morte de Luiz XVI, o manso, foi necessária para que com ele morresse o velho sistema, e assim, ficar desimpedido o terreno político. Ele representava a aristocracia caduca daquele tempo. Na revolução russa, a morte do fraco Czar Nicolau, não teve outra função que a renovação. Na revolução americana, a queda do absolutismo inglês em detrimento dos interesses sociais das colônias, e, na revolução mexicana, o objetivo era a queda da ditadura que, em 1910, tornava a vida das massas extremamente difíceis.

O Brasil também foi alvo de guerras e revoluções, quase todas em decorrência do absolutismo dos governantes. Podemos citar as guerras contra os holandeses e da independência em Pernambuco e na Baía; a dos farrapos e das Balaiadas, bem como a Guerra do Paraguai, por interesses econômicos, como sabemos, alheios aos brasileiros, contra o ditador Solano Lopes; a de 1930 e a de 1932 ambas contra as formas de governo vigente, e assim por diante.

Guerras e revoluções representam o impulso vital para dar um novo passo à frente na evolução. É lei de vida essa expansão vital de povos fortes como os bárbaros invadindo o império romano que se encontrava num período de bonança. Como da Rússia Comunista, injetando na civilização européia uma nova energia na forma do seu ideal socialista, acarretando destruição e renovação dos poderes constituídos de então.

Assim, a História confia a vários povos, no momento mais adequado para eles e para a vida de todos, uma dada tarefa na evolução da humanidade, às vezes, de aparência negativa, mas, em substância, são positivas, de experimentações, buscando re-equilíbrios necessários, corrigindo situações e assim por diante. Vemos que a História se manifesta com a mesma sabedoria que a Natureza na direção da vida, pela qual tudo germina e floresce.

Tenhamos, porém, em mente, que nenhum ato da vida é estéril, nem mesmo a destruição, pois no âmago da morte está a vida. Bastaria ter compreendido esta grande verdade, para se aceitar a indestrutibilidade do nosso ser e a impossibilidade, para a morte, de matar qualquer ser vivente. Cristo mesmo nos ensinou que: **“quem procurar conservar sua vida a perderá, e quem a der, a ganhará”**.

O Cristo, que realizou a maior das revoluções, seguiu essa lei, pela qual a destruição é uma premissa necessária para a reconstituição. Por isso o seu holocausto na cruz! Compreendamos que, o sacrifício tem um poder criador imenso, enquanto a renúncia pode construir num plano mais alto e a dor nos amadurece. Podemos agora compreender a necessidade absoluta da paixão e morte do Cristo, para a evolução do mundo.

A etapa do caminho evolutivo pelo qual estamos passando foi mostrado por Ubaldi ao explicar a função das três revoluções: Assim como o mundo passou da injustiça dos privilégios de classe à justiça das igualdades políticas (pela revolução Francesa), está passando da injustiça da desigualdade econômica à justiça de uma distribuição mais equitativa dos bens (pela revolução

Russa), como também, da escravidão do trabalho material à sua libertação com a máquina e com a ciência (domínio sobre as forças da natureza), o mundo passará da ignorância ao conhecimento e do conhecimento à bondade.

Muitos ignoram a grande vantagem para si mesmos, de fazer o bem, praticando erros contínuos, que depois vai pagando. O mundo se debate hoje entre a justiça social e a liberdade proclamada pelas democracias. Estabelecendo as bases da justiça econômica e da liberdade, sem saber e/ou querer, estão trabalhando para o advento da terceira idéia, que destilará o que melhor existir em um e no outro, fundindo as duas idéias e resolvendo os conflitos insolúveis que existem entre ambas.

A que revolução caberá realizar esta grande fusão, a realização desta terceira idéia? Trata-se de um trabalho imenso! Esperamos que seja uma revolução fruto da inteligência e portanto sem sangue. Indispensável se torna, uma nova consciência começando pelo conhecimento, descobrir o pensamento da Lei que tudo rege, sentir Deus imanente e conformar-se totalmente à Sua Vontade. Há que se ter a convicção de quem compreendeu com racionalidade e, portanto, sabe.

Trata-se de criar uma aristocracia do Espírito, em que se encontrem e unam os tipos biológicos que já chegaram ao amadurecimento e se encontram dispersos pelo mundo.

Por aí deverá começar a nova revolução.

#### 4. A Função Histórica do Brasil

***“Este Brasil está destinado a ser , industrialmente, num dos mais importantes fatores do desenvolvimento futuro do Mundo”.***  
**Stefan Zweig**

Qual seria a função histórica do Brasil no Mundo?

Considerando que os tempos são chegados, a função histórica do Brasil não precisa ser como aquelas desenvolvidas, desde a História Antiga, pelos sumérios, pelos hicsos, egípcios, hebreus, assírios, gregos, romanos e, depois destes, pelos bárbaros, pela prepotência dos senhores feudais e depois, dos reinados, etc, etc, e por último, os grandes estados hegemônicos, como Espanha, Holanda, Portugal e Inglaterra no século passado, e Alemanha, Rússia e Estados Unidos, no último século, com alguns chegando até os nossos dias.

Todos eles realizaram uma função histórica, carregando por sua vez, o fogo sagrado do progresso, retratando a evolução pela qual passam os povos. Foram caminhos de guerras e revoluções, todas cruentas, umas mais, outras menos violentas, mas todas importantes para cada povo, de acordo com sua necessidade evolutiva, naquele instante da sua História.

Está chegando, porém, a hora do Pacifismo e as guerras terão de acabar. O hemisfério Norte encontra-se ainda minado de bombas. Rússia e Estados Unidos são ainda arsenais delas e está difícil destruí-las. Os interesses de ambos ainda falam mais alto.

A Europa é uma árvore carregada de frutos e sementes a espera do vento que os carregue para longe, para frutificar em terras virgens. A grande reunião dos países que observamos hoje, retrata o que será da Europa no futuro!

Portanto, somente nesta grande terra da América do Sul, que é o Brasil, encontramos o verdadeiro sentido do Pacifismo e por esta razão, a sua função histórica não pode ser outra senão a Paz.

A afetividade que este povo apresenta mostra ser o mais apto a, através dela, sublimar o Amor evangélico. Assim como à Ásia reconhecemos a função metafísica, à Europa a função cerebral do mundo, à Rússia a função revolucionária, à América do Norte a função econômica e a riqueza, e assim por diante, reconhecemos ser a função histórica do Brasil, como a Bondade, a Tolerância e o Amor.

Assim como a civilização emigrou do Egito para a Grécia, da Grécia para Roma, de Roma para a Europa e desta para a América, a raça anglo-saxônica criou a civilização do dólar nos Estados Unidos. Porque a raça latina, herdeira de Roma, não poderia criar a civilização do Evangelho no Brasil?

O Brasil é a terra clássica das fusões de raça, em que tudo se mistura, podendo se dizer que todas as nações do mundo têm hoje, aqui, os seus representantes. Esta função é que proporciona a condição de realizar uma idéia do futuro, uma unidade livre constituída, não de povos satélites submetidos à força, mas de fusão demográfica que resiste ao tempo e forma os povos novos.

Muitas são as qualidades do Brasil para preencher a função pacifista. Há um estado de sentimentalismo dominante que dulcifica os homens, sendo um povo religioso por excelência. Não importa que as religiões e as formas sejam muitas. Isto é bom. Encontram-se no Brasil quase todas as religiões do mundo, vivendo juntas na mesma terra.

O estado passional existente é a matéria prima da fé, da religiosidade, do misticismo. Os movimentos e expansão altruísticos irão aos poucos se transformando, através do amor dos pais pelos filhos, do homem evangélico ao próximo, do filantropo pela humanidade e do místico pela Divindade.

Podemos afirmar que se trata:

1º) de um povo simples, espontâneo, de boa fé, alma infantil tendente à confiança, crente em Deus e no futuro;

2º) alma virgem, quente, entusiasta, rica de sentimentos bons, substancialmente religiosa, com tendências místicas, num ambiente que induz à bondade e à tolerância;

3º) alma exuberante, expansiva e generosa, tendente, pois, a confraternizar e fundir-se no próximo.

Estas qualidades, a tendência à religiosidade, a virgindade de alma, representam, nas crenças religiosas, uma capacidade de progresso que corresponde freqüentemente a um progresso social. Comparativamente aos outros povos, sobretudo os europeus, estas qualidades parecem favorecer o Brasil para que se torne o berço da nova Civilização do Espírito e do Evangelho, no Terceiro Milênio.

A vida, hoje, precisa das qualidades que o Brasil possui, como indica o rumo que vem tomando os novos tempos. Há uma necessidade premente de paz e bondade e o Brasil poderá ser um dos poucos lugares onde se poderá encontrá-las. Paz, amor, compreensão e colaboração entre os homens, são as bases para reconstituição da vida, após o descalabro em que se encontra. Estamos em plena separação do joio do trigo, não somente entre os indivíduos, mas também entre os grupos e as nações. Os resgates coletivos já se efetuam através da colheita dos resultados de um passado de ignomínias.

Podemos dizer que o Brasil tem tudo para ser o local da primeira realização, da liberdade, tão sonhada e da justiça social, tão buscada. Deverá, porém, ter por base o Amor Evangélico, sem o que nada é aplicável em paz, nem pode dar frutos verdadeiros. Em fim, tudo é possível, porque, como disse Vitor Hugo: “há uma coisa mais poderosa que todos os exércitos: é uma idéia, cujo tempo tenha chegado”.

Jesus seja conosco! Muita Paz a todos!